

LEVY, Bianca. **Mergulho no mito, imagem e performance: Um Estado de transe nas artes na jornada mítica de Elemento Transitório**. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA). Instituto de Ciências da Arte (ICA); Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes, sob a orientação do professor Orlando Maneschky; Bolsista da Capes.

RESUMO: Este artigo apresenta o processo de experimentação mítica-artística da artista-pesquisadora, que tem como disparador a relação dela com a água, representada miticamente pela orixá iorubana Iemanjá. Assumindo a própria estrutura de narrativa mítica (cíclica, rumo ao auto conhecimento e ao retorno ao ponto de partida, modificado), esta poética mostra o reencontro da artista com Iemanjá e seu mito, narrando o processo criativo a partir das mudanças de estado físico da água, rumo ao caminho de volta para o mar, inspirado no arquétipo e qualidades de Iemanjá para a produção de obras nas linguagens da performance orientada para fotografia e performance ritual coletiva. Além disso, a pesquisa reflete sobre e em que medida esta relação mágico-religiosa entre artista e divindade, que instaura o que a artista chama de um Estado de Transe nas Artes.

PALAVRAS CHAVE: Iemanjá; mito; imagem; performance; jornada do herói.
Resumen: Este artículo presenta el proceso de experimentación mítica-artística de la artista-investigadora, que tiene como desencadenante la relación de ella con el agua, representada míticamente por la orixá iorubana Iemanjá. La poesía muestra el reencuentro de la artista con Iemanjá y su mito, narrando el proceso creativo a partir de los cambios de estado físico de la sociedad, el agua, hacia el camino hacia el mar, inspirado en el arquetipo y las cualidades de Iemanjá para la producción de obras en los lenguajes de la performance orientada a la fotografía y el rendimiento ritual colectivo. Además, la investigación refleja sobre y en qué medida esta relación mágico-religiosa entre artista y divinidad, que instaura lo que la artista llama un Estado de Transe en las Artes.

PALABRAS CLAVE: Iemanjá; mito; imagen; rendimiento; el viaje del héroe.

Cristalizada em estado sólido na urbe, na cidade úmida, abaixo do nível do mar. Nesta cidade vivo e respiro água, mas ainda não me sinto parte dela; nesta cidade que se levantou de costas para o rio, cidade que esqueceu a força das águas, da pajelança e encantaria que habita seus subterrâneos. Sob a água do chuveiro que mecanicamente atravessa meu corpo e escorre em meus pés, debato, escamo, me lanço, fundindo a vontade de estar em essência. Ancestralidade elemental, grito que clama o mar e me convida à transmutação das personas em água, e da água em arte e da arte em vida, fluida, líquida, gasosa, força vital da criação, existência fecunda na vida, arte e fé da filha da rainha do mar.

A água me chamou. Me descobri filha de Iemanjá em 2014, e essa descoberta alterou a minha existência, me fazendo entender, acessar e me despertar para muitas coisas. Junto a isso, a paisagem e a existência aquática de Belém do Pará, terra natal, se tornou correnteza na minha poética. Naturalmente as águas barrentas dos rios de Belém, regidas por Iemanjá, inundaram tanto a minha existência íntima, pessoal, quanto social, se espalhando também nos meus fazeres cotidianos, entre eles, o artístico. Deste reencontro com a conexão ancestral e com o pertencimento, fluiu um entrelaçamento entre religiosidade, mitos, imagem e performance que desaguou no meu processo de pesquisa no mestrado, intitulado Elemento Transitório- Caminho de volta para o Mar; poética aborda esta relação da artista-pesquisadora com as águas, tendo como ponto de partida o arquétipo de Iemanjá e seu abebê de qualidades e mitos.

Faço das palavras de Salles (1998, pg. 26) as minhas. É impossível saber exatamente o primeiro instante que desencadeou este processo criativo. Pisciana com Vênus e lua em peixes, nascida no mês das águas, na metrópole ribeirinha da Amazônia. Sempre me senti seca por dentro ao passar mais de três meses longe da água, seja de rio ou de mar. A descoberta da minha ligação com a orixá Iemanjá explicou muitas passagens da minha vida e naturalmente começou a moldar “para além das relações estabelecidas no terreiro- as minhas relações sociais” (Barcellos, 2004, p. 11). Ao tomar conhecimento desta relação, o arquétipo de Iemanjá, meu orixá regente, que segundo a sabedoria oral Iorubá já exercia de forma sutil uma influência nos meus caminhos, passou a reger de maneira ainda mais intensa os meus fazeres e poéticas cotidianas, se estendendo também à minha produção artística. Como se eu tivesse me tornado um “espelho do orixá” (Fernandes, 1992, pg. 3), ou ela mesma o meu espelho, esta imanência inundou meu corpo, vida e poética. Neste jogo de espelhos, proporcionado pelo caráter imagético da água, me perdi e me encontrei, não sabendo mais se sou ela ou se sou eu. Artista e orixá, juntas, passaram a falar sobre todas as questões sociais e políticas desta existência líquida que as cerca.

Entendendo assim como Salles (1998, pg. 38), o artista não como um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e entorno, a imersão na existência líquida de Iemanjá, regente da fecundidade, arte e criatividade, naturalmente refletiu no meu processo criativo. Iemanjá e a artista; a água e a arte passaram então a estabelecer uma relação cíclica, turbilhão onde fundem o existir, representações e formas de representar suas sensibilidades e percepções num devir, sendo o devir (ZOURABICHVILI, 2017, p. 24) “não um fenômeno de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos”. Como em um estado de transe na arte - semelhante ao que os xamãs são possuídos por entidades permitindo que estas assim possam vir perquirir, ou mesmo trabalhar¹ entre o mundo dos vivos, ou ainda, como sugere o culto dionisíaco em que provoca-se o “êxtase, participação mágico-religiosa em um estado de entusiasmo, centrada sobre os participantes cujos espíritos a ela se entregam” (MAGUIRE, 1960, p. 409), começaram a surgir os primeiros experimentos artísticos relacionados a água e Iemanjá.

Ao mergulhar nesta poética, inicialmente desenvolvida em caderno de artista, descobri a performance e a possibilidade do corpo alterado no espaço, em estado de arte acessar o mágico, o imanente, como o corpo cavalo em transe mediúnico. Mas no meu caso, fiz um caminho inverso. Enquanto que muitos artistas da cena experienciam o transe em cena para adiante optar vivenciar o transe religioso nos terreiros, nadei contra a maré. O transe religioso precedeu as práticas da visualidade e performance, preparando o meu corpo e mente para imergir neste estado de transe poético, ao qual eu chamo de Estado de Transe nas Artes. Um estado consciente, mediado pela regência fluxo da entidade. Este transe artístico é também um transe curativo; além da própria construção artística, é uma forma de religar o homem ao sagrado, ao mágico, à natureza, atentando-o também a questões pertinentes à sua existência coletiva, devir trazido pelos desígnios de Iemanjá, mãe de todas as cabeças, cuidadora das socialidades.

¹ Diz-se popularmente nos cultos de religiões afro-brasileiras que a entidade quando se apresenta no terreiro montando em seu cavalo (incorporando no médium) esta veio “trabalhar”. Diz-se “trabalho” referindo-se ao desenvolvimento espiritual e à assistência que os Orixás e guias prestam a seus filhos de santo.

Seguindo neste fluxo criativo, encontrei na Metodologia de Gilbert Durand caudaloso rio para delinear o processo de criação e mergulhar em autoconhecimento. Em sua Antropologia das Profundidades, Durand encontra no mito o último reduto teoricamente possível de explicação humana (2004, p. 60). Ou como diria Augraus (1983, pg.17), decifrar o mito é se decifrar. Ao mesmo passo em que ao imergir em cada modelo mítico, eu entendia a integração dos valores que ele carrega não só em relação à atividade religiosa, mas a totalidade da minha vida, na criação artística e na Escrita de Si (Foucault, 1992. pg 129-160), passei a fazer o exercício do Pensar por Imagens, proposto por Sônia Rangel (2009), onde, ao procurar adensar em uma única imagem histórias míticas que fazem uma intermediação entre o mito e o mundo, entre o mundo e eu, a imagem, juntamente com o mito é posta como operador dominante que media o percurso das obras artísticas. Neste diálogo entre mitologia, performance e fotografia, procuro expressar sensivelmente minha relação com as águas, que se espraiam em questões que não dizem respeito apenas a mim, mas ao outro, a todos nós.

A própria narrativa cíclica presente nos mitos, o Monomito de Campbell (2004) assume o andamento deste processo criativo, ao propor uma travessia que parte da mudança de estados físicos da água, rumo ao caminho de volta para o mar. Em um processo criativo onde me alicerço em mitos, construo a investigação poética e teórica na própria estrutura da jornada mítica, cíclica, mas que nunca retorna como partiu, retorna modificada pelos ensinamentos e experiências.

A fusão, início do processo de pesquisa, é quando reconheço a minha ancestralidade e empreendo a travessia, mergulhando no arquétipo de lemanjá em processo criativo. Saindo do estado sólido, do engessamento causado pelo convívio cosmopolita ocidental, rumo ao estado líquido de comunhão com minha ancestralidade.

O estado seguinte é o de Ebulição, a eminência de vapor causada pela fricção do processo criativo. O arquétipo de lemanjá deixa de ser um signo literal. Sai do estado líquido rumo ao estado gasoso, estado de arte, não palpável, ato performático visível apenas pela fotografia, criando outros mundos-espço-tempo, reconstruído e atualizando narrativas míticas em uma única imagem.

Borbulho a criação e reflexão a respeito de performances orientadas para fotografia de retrato. Efêmero, invisível revelado no tempo-espaço da fotografia, arquétipos refletidos no abebê² infinito da grande mãe.

Em cada imersão performativa, uma qualidade de iemanjá ou orixá associado a ela assumiu a poética. Iemanjá e Olocum; Iemanjá Ogunté; Iemanjá e Orunmilá, são algumas das narrativas míticas que permeiam a primeira fase deste processo, atualizando o mito em consonância com temáticas sociais contemporâneas como a questão da não binaridade no mito de Olocum, e do feminismo e o lugar da mulher no conhecimento e ofício das artes, no mito de Ogunté e de Orunmilá. A multiplicidade de arquétipos e qualidades refletidos pelo espelho fotográfico e mítico desta poética é a própria ancestralidade que carregamos dentro de nós. Muitos sem ao menos saber. Ancestralidade apagada, higienizada, embranquecida, desde os tempos dos “maus selvagens”, desde os tempos dos navios negreiros, desde a passividade ameríndia subjugada pelo “homem branco”. Silenciamento pela dificuldade de compreender o diferente. Silenciamento pela sede de poder.

Foto: Olocum. (2018) Registro: Juan Silva.



Ora, ela, mãe de todas as águas, dos rios caudalosos que correm para o mar, barrentos, cristalinos, doces, salgados, quentes, gelados; ela, dona de

² Abebê é uma espelho, símbolo e ferramenta desta orixá.

inúmeros arquétipos, mitologias e qualidades, entende melhor que ninguém a multiplicidade que está presente dentro de cada um e derramada sobre o mundo todo. Seu abebê reflete então a nossa própria imagem. Tudo o que nos diferencia e nos une. Reflete a importância de se respeitar o dissenso. Se as diferenças fossem respeitadas ainda no tempo daquelas frágeis embarcações, não estaríamos à deriva como agora, vendo pessoas, culturas e natureza serem aniquiladas. Este espelho infinito, com toda a sua sabedoria, nos convida por meio da arte a mergulhar nas profundezas de si; nos reconhecendo nos arquétipos e qualidades de Iemanjá. Pois o reflexo que vemos em seu espelho é também o dela mesma. Ela, Senhora de todas as cabeças, nos convida a reconhecer a essência que nos habita e constitui, submergindo com ela o feminino, o cuidar de si, do outro, da natureza. Enfim, o equilíbrio necessário para viver, ser e criar.

Já em pleno estado da vaporização, o mergulho é em processos colaborativos no campo da performance de rua, ritual, reconfigurando e refletindo sobre a reconfiguração do espaço-tempo em performance, nas trocas entre artistas, na horizontalidade, na arte que toca o etéreo, fluido, imaterial. Na trincheira da performance coletiva de rua construímos existências desejantes, fazendo frente ao horror, em performances que saúdam os peixes, as águas, os filhos mortos, todos que lutam diariamente, todos que tombaram na luta contra a ganância, a intolerância religiosa, a misoginia, o racismo, a ignorância das mentes colonizadas e que já perderam o fio da memória e da ancestralidade. Mentas arrastadas pela correnteza do poder e da manipulação.

Na performance Iemanjá Ogunté, a guerreira Ogunté que se precipita sobre a cabeça da filha. Grita os filhos e peixes mortos por um rio contaminado de rejeitos por um desgoverno que degrada a natureza e executa os filhos da periferia. Em Janaína do Cruzeiro, a majestosa Sobá ganha mimos e banha-se na interdita Praia do Cruzeiro, no município de Icoaraci, em Belém, em uma água imprópria para banho, no dia da festa dedicada à ela.

Em batismo caminhar de Ogum Beira Mar, o Ogum que guarda as cercanias das águas de Iemanjá, se desloca até o forte da capital, primeiro muro segregador e higienizador da cidade, e reverencia todos os filhos que tombaram nas guerras do passado, e nas do presente. Os orixás deslocando-se do Orun

ao Ayé, alterando espaço e tempo em performance, estabelecendo uma existência desejante de respeito, cuidado e igualdade.

Foto: Batismo Caminhar de Ogum Beira Mar. (2017). Registro: Maryori Cabrita.



Ainda em processo neste mergulho, vejo, e entendo como o corpo, a performance, o espaço, tempo, orixá, juntos, transcenderem a mera representação e mimesis, acessando assim a imanência. Os objetos força, de função ritual, tomam novas dimensões. A capa de Ogum beira mar vira bandeira de guerra em tempos tão sombrios: Seja Feminista, Seja Heroína. E entende-se, neste estado de transe poético, que lemanjá e todo o seu povo habitam as sutilezas e inteirezas. Eles estão na arte, eles estão na vida, eles estão no corpo que resiste.

Esta jornada mítica, caminho de volta para o mar encerra, com o retorno ao estado líquido pelo processo de Liquefação. Mas o líquido não é mais o mesmo. A água está transformada depois deste processo criativo. O retorno ao mar é celebrado por meio da montagem da exposição Elemento Transitório-Caminho de volta ao Mar, com montagem prevista para 2019.

Referências Bibliográficas

AUGRAS, Monique. O Duplo e a Metamorfose. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1983, 295p.

BARCELLOS, Mario Cesar. **Os orixás e a personalidade humana**. Rio de Janeiro, Pallas, 2004. 119p.

CABRERA. Iemanjá e Oxum. São Paulo. Edusp, 2004, 368p.

CAMPBELL, Joseph. As Máscaras de Deus: Mitologia Criativa. Volume. Editora Palas Athena, 2008, 624p.

_____. A jornada do Herói. Agora Editora. Brasil. 2004. 288p.

CORREIA, Paulo Petronilio. Poder e transfiguração do imaginário no Candomblé. OPSIS, Catalão, v.11, n 2, p.15-34, jul-dez 2011.

DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2004.

_____. Mito, símbolo e mitodologia. Lisboa, Editorial Presença, 1990.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira Fernandes; MOTA, Manoel Santos. **Da apropriação e reiteração de discursos iorubas: uma leitura sígnica**. Salvador: 1992. Disponível em: <http://www.ciranda.net/spip/article1444.html>. Acesso em: 18/07/2017.

FOUCAULT, Michel. A Utopia do Corpo. 1966. Ebook: <https://colunastortas.com.br/utopia-do-corpo-michel-foucault/>. Data de acesso: 01/11/2018.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992.

MAGUIRE, Robert. **Les Hors-Théâtre: Le problem du voyage d'Antonin Artaud en Irland**. Tese de Doutorado da Université, Paris, 1960)

RANGEL, Sônia Lúcia. **Perguntas-passaporte: mão dupla nas fronteiras da criação**. Anais do V Congresso ABRACE- Associação Brasileira de pesquisa e pós graduação em artes cênicas. 28 a 31 de outubro, de 2008. UFMG- BH.

RANGEL, Sônia Lúcia. **Olho desarmado: objeto poético e trajeto criativo**. Salvador: Solisluna Design Editora, 2009.

_____. Processo de criação: Atividade de fronteira. UFBA. TFC. Edição 1. Ano 3. 2006.

SALLES, Cecília de Almeida. **O Gesto Inacabado; Processo de criação artística.** São Paulo, FAPESP: Annablume, 1998, 168 p.

ZOURABICHVILI, François. **Vocabulário de Deleuze.** Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>. Acesso em: 23mar2017